



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**HOSPITALIDADE E CULTURA DA SIMPLICIDADE VOLUNTÁRIA  
EM MARIA DA FÉ/MG\***

Andréa Márcia Gonçalves Leandro\*\*

O presente artigo versa sobre um fenômeno crescente no Brasil que são os deslocamentos de pessoas que buscando desacelerar, descobrem um destino no qual acabam fixando residência. Apoiar-se na pesquisa exploratória que tem como objetivo geral identificar e analisar esses fluxos, suas motivações e impactos na vida, cultura e relações de hospitalidade de Maria da Fé, Minas Gerais.

A cidade foi apontada como destino indutor de turismo e sua população deseja o desenvolvimento da atividade turística (EMMENDOERFER, 2014), embora esse interesse não implique que a comunidade receptora queira que parte desse contingente de visitantes, ali se instale e fixe residência. Parte da população dos destinos indutores de turismo permanece alheia ao desenvolvimento dessa atividade, todavia, um fenômeno adjacente alcança o interesse e desperta a curiosidade sobre aqueles que um dia foram “fazer turismo e acabaram ficando”. Maria da Fé, até então, apontada apenas destino indutor de atividade turística, começa a revelar-se também, indutora de fluxos dos mais diversos.

\* O presente artigo integra a dissertação de mestrado em andamento sob orientação da Profa. Dra. Sênia Regina Bastos, no Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

\*\* Mestranda em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). E-mail: andreatino@hotmail.com

Além de revelar os impactos culturais, notadamente no que tange à circularidade (comunicabilidade da cultura local e aquela trazida pelos “forasteiros”) para a vida pacata da cidade de Maria da Fé, pretende-se ainda, descobrir como a cidade é representada pelos novos sujeitos e como se dá o acolhimento. A cena urbana local está sofrendo mudanças em razão dos fluxos contemporâneos e, em alguns de seus aspectos pontuais.

A base da economia do município pesquisado, até o início dos anos 1990 era a monocultura da batata. No entanto uma crise no setor exigiu ações alternativas para a recuperação da economia e com o suporte do serviço de apoio às micro e pequenas empresas (SEBRAE) e da Secretaria de Turismo da cidade juntamente com a população local, iniciou, dentro do programa de governo do estado: Minas Recebe, iniciativas de fomento da atividade turística. Nesse contexto, começa a crescer o interesse dos turistas pela cidade, que vinham em busca do clima de montanha (cidade mais fria do sudeste), atraídos pela curiosidade na cultura da oliva ou simplesmente para apreciar as obras dos artesãos e designers da cidade. Havia ainda aqueles, que atraídos pelo barateamento das terras, em razão da crise da batata viam a possibilidade de investir para obter qualidade de vida produzindo alimentos orgânicos. Em razão desses fatos, essa pesquisa apresenta como o recorte temporal o período 1990 a 2014. O referencial teórico fundamenta-se nas teorias da cultura da simplicidade voluntária – simplicidade voluntária como estilo de vida (ELGIN, 2010, p. 116):

É viver com mais simplicidade e aliviar nossa carga – viver com mais leveza, clareza e liberdade de movimentos. É estabelecer um relacionamento mais direto, despretenso e desimpedido com todos os aspectos da nossa vida: aquilo que consumimos, o trabalho que realizamos, nossas relações com nossos semelhantes, nossa ligação com a natureza e o cosmo.

Destaca-se o movimento de contracultura em oposição à *fast life* apresentado por Honoré (2005), no livro *Devagar: como um movimento mundial está desafiando o culto à velocidade* mais especificamente seu conceito de *slow life*,:

*Slow life* é um movimento mundial de contracultura, em oposição à *fast life*, que está desafiando o culto à velocidade e propõe a desaceleração como forma de reconectar-se a si mesmo, às pessoas, ao mundo, deixando a vida acontecer a seu tempo (HONORÉ, 2005, p.25).

A hospitalidade é analisada como dom do espaço e se apóia em Godbout (ano) e Gotman (1992), ao passo que o acolhimento é tratado a partir da ótica do encontro: o

forasteiro e a comunidade receptora e as mudanças de status: visita e permanência. Os impactos e trocas entre a cultura estabelecida e a cultura trazida, encontros onde nem sempre a paz será selada, mas geradores de inegável debate social e de circularidade cultural.

No que se refere à circularidade ter-se-á como referência, Santos (2002), para quem o encontro entre aquele que chega e a comunidade, não os tornam imunes às trocas culturais:

Suas experiências vividas ficaram para trás e a nova residência o obriga a novas experiências e para isso precisa-se criar uma nova via de entendimento da cidade. Ultrapassado o primeiro momento de espanto e atordoamento, o espírito alerta se refaz, reformulando a ideia de futuro a partir do entendimento novo da nova realidade que o cerca. O entorno vivido é um lugar de troca, matriz de um processo intelectual. A relação da cidade com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova que interferem reciprocamente mudando o homem (SANTOS, 2002, p.328).

## 1 – DEVAGAR

O confinamento urbano em sua dimensão tecnologia-consumo, a *fast life* dos grandes centros tem levado as pessoas a saírem em busca de uma vida mais tranquila e saudável. A cidade, principalmente os grandes centros, é cada dia, mais inóspita, em função do caos que se tornaram as estruturas urbanas, em função do aumento populacional e da baixa qualidade de vida. Honoré (2004) refere-se às cidades como gigantescos aceleradores de partículas. A metáfora nunca foi tão apropriada, tudo na vida urbana – a cacofonia, os automóveis, as multidões, o consumismo nos convida a correr mais do que a relaxar, refletir ou entrar em contato com as pessoas. A cidade mantém aqueles que ali vivem, perpetuamente em movimento, ligados sempre em busca do próximo estímulo.

O psicólogo britânico Guy Glaxton (apud HONORÉ, 2004, p.14) considera que hoje a aceleração é uma segunda natureza: “desenvolvemos uma psicologia íntima da velocidade, da economia de tempo e da maximização da eficiência, que se torna mais forte a cada dia que passa”. Essa pesquisa questiona a obsessão pela velocidade que alterou sobremaneira as relações humanas e sociais. Ao desenvolver uma análise sobre a evolução humana, apoiada no princípio da sobrevivência conclui-se que sobrevive o mais

apto e não o mais rápido. Não se trata de movimento contra a velocidade, esta, em certa medida foi um elemento importante para a evolução humana. O que se questiona são seus efeitos, o custo humano da velocidade, uma vez que o turbo-capitalismo nos faz existir para servir à economia. Para justificar tudo isso, a atual cultura do trabalho destrói a saúde física e mental das pessoas:

[...] o esgotamento era um problema que costumava ser constatado, sobretudo, em pessoas de mais de 40 anos, comenta um treinador londrino: atualmente encontro homens e mulheres na casa dos 20, 30 anos completamente exauridos

[...] No Japão *karoshi* é um termo usado para designar uma doença causada por excesso de trabalho. A cultura do trabalho-até-cair tem raízes lá e o governo registra anualmente número preocupante de mortes por *karoshi*. Estima-se que morram anualmente milhares de pessoas por excesso de trabalho no Japão. Não é por acaso também, que os países mais rápidos sejam os mais gordos. Cerca de um terço dos americanos e um quinto dos ingleses são considerados obesos do ponto de vista clínico. O uso de anfetaminas para aumentar a capacidade de se manter ligado, também aumentou e preocupa as autoridades de saúde. O apelo da velocidade nos faz dormir cada vez menos, prejudicando nosso sistema imunológico e cardiovascular, provocando diabetes e doenças cardíacas e sem contar o universo infindável de sociopatias, problemas mentais e emocionais, hoje identificados. Numa recente pesquisa, Gallup, 11% dos motoristas britânicos declaram ter dormido ao volante. Um estudo realizado pela comissão de distúrbios do sono dos EUA, concluiu que metade dos acidentes de trânsito é causada pelo cansaço (HONORÉ, 2014, p. 14-19).

As relações sociais e a cultura foram frontalmente afetadas pelo culto à velocidade. Tornamo-nos seres superficiais, aos poucos fomos perdendo afetividade pelo mundo, pela natureza e pelo outro. Milan Kundera escreveu em 1996 em seu livro “A lentidão”: quando as coisas acontecem depressa demais, ninguém pode ter certeza de nada de absolutamente coisa alguma, nem de si mesmo” (HONORÉ, 2014, p. 20). É chegado o momento de repensar a relação do humano com a velocidade e no mundo inteiro, vários movimentos e pensadores se debruçam sobre o tema numa rica reflexão sobre a velocidade e suas consequências: nossas crianças estão doentes, o número de suicídios entre os adolescentes aumentou em alguns países, o câncer é uma epidemia mundial segundo Sir. James Crichton Browne que em 1884 já culpava o andamento acelerado da vida moderna por essa tragédia (HONORÉ, 2014, p.60). Todo esse passivo humano em detrimento da *fast-life*? O Devagar é quase que um movimento de contracultura que nos faz pensar que se continuarmos nesse ritmo, o cenário acima traçado tende a piorar muito porque quando todo mundo opta pelo culto à velocidade, não há vantagem em fazer tudo

mais depressa, porque estão todos fazendo as coisas no mesmo ritmo. O que faz com que, para se ter vantagem competitiva, deva-se acelerar ainda mais.

Honoré chama de “rebeldes” aqueles que vêm fazendo o impensável – estão abrindo espaço para a lentidão. É cada vez maior o número de pessoas que se recusam a aceitar a ditadura do mais-rápido-é-sempre-o-melhor. Não se trata de definir uma alternativa de vida (devagar ou depressa), trata-se de uma cultura que vem encontrando espaço e eco também no Brasil.

Algumas cidades pelas suas características de vida *slow* tem se tornado uma alternativa para aqueles que já não conseguem mais conciliar saúde, paz e bem estar com o ritmo frenético dos grandes centros. O município de Maria da Fé em Minas Gerais vivencia fenômeno semelhante, pois, tem sido buscado por forasteiros de grandes centros do Brasil, como lugar de moradia permanente ou opção de segunda residência iniciando-se assim um tipo de êxodo invertido.

Não se trata apenas de um movimento de pessoas que começam a repensar a relação do homem com o tempo. Desacelerar nos dias atuais vai além de trazer de volta princípios da era *hippie* ou de renunciar as maravilhas e facilidades da tecnologia. É impensável qualquer movimento sem internet ou avião, por exemplo. Renunciar as virtudes da tecnologia pode implicar em alienação e não é este o objetivo do movimento.

De certo modo, o fenômeno afigura-se como algo novo, no entanto já na antiguidade alguns já se insurgiam contra a pressa. Em 200 a.C., o dramaturgo Plauto (apud HONORÉ, 2004, p.57) escreve:

Que os deuses amaldiçoem o homem que descobriu como distinguir as horas- amaldiçoem também aquele que aqui instalou um quadrante solar para cortar e esmigalhar meus dias tão miseravelmente em pedacinhos.

Em 1884 o ensaísta e editor Charles Dudley Warner (apud HONORÉ, 2004, p.58) expressou o descontentamento popular fazendo eco a Plauto: “O retalhamento do tempo em períodos rígidos constitui um desrespeito à liberdade individual, passando por cima das diferenças de temperamento e sensibilidade .” Em meados anos de 1880, as pessoas se queixavam que as máquinas estavam tornando a vida rápida demais, mais frenética e menos humana. Ao longo de toda a revolução industrial, as pessoas buscavam maneiras de desafiar, conter ou evitar o ritmo acelerado da vida. Em 1776 um grupo de encadernadores de Paris dá início a uma greve buscando a limitação da jornada de

trabalho para 14 horas diárias. Depois os sindicatos começam a difundir a seguinte ideia: oito horas para o trabalho, oito horas de sono e oito horas entregues ao livre arbítrio.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, um grupo de intelectuais conhecidos como transcendentalistas exaltavam a vida simples ligada à natureza. Em 1870, o movimento britânico das artes e ofícios abandona a produção em massa e adota as lentas e meticulosas formas de trabalho manual do artesão. Em cidades as mais diferentes do mundo industrial, a exaustão leva as pessoas a buscarem consolo no culto do idílio rural (HONORÉ, 2004, p.59).

No fim do século XIX, já se podia contabilizar uma série de prejuízos à vida humana e do planeta em razão da aceleração imposta pelo capitalismo. Estava claro que a velocidade realmente cobrava um preço.

Ao logo do século XX, aumentou a resistência ao culto à velocidade, passando a disseminar-se através de movimentos sociais mais amplos. Os movimentos de contracultura dos anos 60 serviram de inspiração para que milhões de pessoas diminuíssem o ritmo e passassem a viver com mais simplicidade. Uma filosofia semelhante deu início ao movimento Simplicidade Voluntária. No fim da década de 80, o Instituto de Tendências de Nova York identificou um fenômeno conhecido como *downshifting* que significa mudança para menos, ou seja, troca de um estilo de vida de alta pressão, alta renda, alta velocidade por uma existência mais tranquila e menos consumista (HONORÉ, 2004, p.61).

No Brasil o tema da velocidade ganha importantes contornos nos estudos do geógrafo Milton Santos (2001). Na concepção do autor, é preciso pensar o mundo de forma diferente, não como se este existisse apenas sob o signo da velocidade, onde o triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuíssem juntos, para que a ideia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Para ele, ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz erroneamente, a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Afirma Santos, em artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, ser esta, a matriz de um grande equívoco posto que, em sua análise, afirma ser a velocidade apreciável, mas de modo algum, imprescindível. Por mais avanços técnicos que tenha havido, o autor defende que houve uma ampliação na ideia de humanidade solidária.

[...] São usos múltiplos marcados por diferentes velocidades e pela utilização de técnicas as mais diversas, maneira de deixar que o território nacional constitua uma verdadeira casa coletiva, um abrigo para todos, empresas, instituições e homens. Somente dessa forma, soluções de convivência plenas ou sequiosas de humanidade são possíveis.

[...] Será um mundo no qual os que desejarem ter pressa poderão fazê-lo livremente e no qual os que não são apressados serão fortalecidos, de modo a poder pensar na reconstrução da paz mundial e na luta por uma convivência social digna e humana dentro de cada país (SANTOS, 2001,1).

Desde os anos de 1950, o Brasil deu início à política de aceleração do crescimento que fez com que algumas cidades crescessem rápida e desordenadamente. Os moradores dessas cidades passaram a enfrentar todos os problemas causados pela velocidade imposta pelo capitalismo. O crescimento econômico fez com que cada vez mais pessoas aumentassem o poder aquisitivo e, por conseguinte, cresceu também o número de veículos nas ruas, tornando os deslocamentos dentro dos grandes centros cada vez mais difíceis, o que aumentou sobremaneira a desilusão de algumas pessoas com a vida urbana (HONORÉ, 2004).

Cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, hoje evidenciam toda a exuberância de um colapso urbano. As cidades grandes são rápidas e sempre serão, embora algumas pessoas busquem aplicar à vida urbana alguns princípios da filosofia do Devagar e os arquitetos, urbanistas e autoridades busquem soluções que façam com que as cidades diminuam o ritmo, existem muitos motivos ou desculpas para acelerar, num mundo onde fazemos tudo muito rápido para acompanhar o ritmo da *fast-life*. Dirigimos muito rápido nossos carros para estar sempre à frente, para chegar a tempo, para evitar atrasos, prejuízos, desconfortos e constrangimentos. Os carros têm a primazia, o ser humano vem depois. Os aparelhos urbanos são pensados para os carros e não para o homem que é tratado como verdadeiro intruso. E toda essa dinâmica vai afastando as pessoas que se tornam atozes inimigos na desenfreada corrida do tempo. O trânsito faz com que as cidades sejam cada vez mais inóspitas e que o convívio humano seja um sonho distante.

A insegurança gerada pela violência urbana é outra fonte de incentivo ao confinamento urbano. As pessoas não se sentem seguras nas grandes cidades estando cada vez mais presas às suas casas e suas rotinas. Em nome da segurança, a cena urbana é frequentemente modificada, transformando casas, prédios e condomínios em verdadeiras

fortalezas aumentando a sensação de exílio das pessoas. Um número crescente de pessoas no Brasil está deixando as metrópoles em direção às pequenas cidades e ao campo, por acreditarem que o poder público perdeu o controle. Este pode ser também, um dos fatores que justifiquem o movimento de êxodo invertido, ou seja, algumas pessoas começam a deixar os grandes centros em busca de qualidade de vida, segurança, saúde, vida em contato com a natureza, fuga da *fast life*, como quem dá início a um movimento de contracultura. Esse contexto justifica a necessidade de análise da cultura da simplicidade voluntária.

## 2 – CULTURA DA SIMPLICIDADE VOLUNTÁRIA

Como falar de simplicidade num mundo onde a qualidade de vida cedeu lugar ao consumo desenfreado, onde o sonho do progresso material tornou-se o pior pesadelo para nossa saúde haja vista que recentes pesquisas revelam que a má qualidade de vida e o *stress* fizeram do câncer e outras doenças degenerativas uma epidemia mundial. O consumo cada vez mais insustentável poderá levar o planeta à ruína ecológica. Na ciência o maior climatologista contemporâneo, James Hansen (apud ELGIN, 2010), advertiu que sem uma redução considerável no efeito estufa vamos criar um planeta bem diferente e menos hospitaleiro para a humanidade. Elgin (2010, p.30) conclama-nos a uma reflexão que cala fundo nossa psique: “se o consumismo de uma fração da humanidade já está danificando o planeta, haverá algum caminho alternativo á frente que nos permita viver de uma maneira mais simples na terra sem renunciar a uma alta qualidade de vida?”

O materialismo e o progresso podem nos levar a uma trilha de guerras, genocídio, fome, epidemias e colapsos das sociedades. Pensando nisso muitas pessoas têm buscado um estilo de vida onde reine a simplicidade voluntária. Diz-se voluntária porque deveria ser escolhida, deliberada e intencional como fundamento de uma qualidade de vida superior. No entanto, diante do atual panorama das grandes cidades e a velocidade imposta, não seria de todo prudente, entender a busca por essa simplicidade como sendo voluntária, uma vez que muitas vezes as pessoas se sentem, na verdade, expulsas pela cidade ou, são obrigadas a deixá-las em nome da tranquilidade e qualidade de vida. Cabe explicar também que a vida simples é essencialmente uma escolha e nada tem a ver com pobreza forçada. Vicky Robin (apud ELGIN, 2010), uma das fundadoras do movimento simplicidade voluntária afirma que o consumismo fez robustecer o senso



de urgência. No entanto Elgin (2010, p.23) sustenta que embora isso seja verdade, cresceu o interesse das pessoas por meios de vida sustentáveis e a simplicidade se deslocou da periferia para o centro da sociedade. Abordagens mais simples ou mais “verdes” vão se tornando parte do dia a dia e da cultura. “Muitas vezes, numa sociedade consumista, as pessoas dão-se conta de que têm muito, consomem muito, fazem tudo muito rápido e não têm horas suficientes para fazer o que realmente querem (ROBIN, 2014)

Segundo Elgin (2010), nos anos 1980, era comum os meios de comunicação caracterizarem a simplicidade voluntária como movimento de “volta a terra” que se afastava do progresso tecnológico. Trata-se de um estereótipo inadequado, porquanto a busca pela simplicidade voluntária fez com que as pessoas buscassem formas mais sustentáveis de vida, que gerassem menos impacto ao planeta. Nessa época surgem vários movimentos pela sustentabilidade que por sua vez, inspiraram uma onda de inovações tecnológicas vitais para um futuro verde. A simplicidade antes vista como retrógrada pode ser considerada um caminho para um novo tipo de progresso e vitalidade social. Para muitos era apenas um desejo nostálgico de volta ao passado como antídoto á impessoalidade gerada pela velocidade da vida urbana.

A simplicidade deixou de ser uma questão pessoal, ou seja, saiu da esfera íntima e doméstica e alcançou outra projeção. Os defensores de modos de vida sustentáveis eram indivíduos e famílias e esse fato, tornou uma consideração necessária para nosso futuro coletivo. Foi do campo pessoal e do interesse da mídia por estilos de vida alternativos nos anos 1960 e 1970, que as questões ambientais passaram a interessar cada vez mais pessoas, dando início a um longo debate acerca dos estilos de vida que poderiam minimizar os impactos humanos na saúde do planeta.

Começa a crescer a consciência de que o consumo injustificado estimulado pela *fast-life*, gerou um verdadeiro desastre ambiental (escassez de água, mudanças climáticas, crises econômicas, desertificação e fome). Hoje os meios de comunicação reconhecem que a busca da felicidade humana aponta para além da velocidade e do consumismo e o ser humano começa a se questionar o que realmente importa e escolhem conscientemente a simplicidade porque:

. Floresce em comunidade e nos liga ao mundo com senso de inclusão e propósito comum.

. Volta nossos olhos para aquilo que realmente importa - a qualidade dos nossos relacionamentos, a comunidade, a natureza e o cosmos.

. Promove a justiça e a equidade entre as pessoas.

. Elimina o excesso inútil de trabalho, a confusão e a complexidade.

Richard Gregg (apud ELGIN, 2010, p. 128)- estudioso dos ensinamentos de Gandhi, escreveu em 1936 a respeito da simplicidade voluntária: “a simplicidade é modo de viver simples por fora e rico por dentro”. Viver com mais simplicidade, para alguns, pode significar aliviar o peso que carregam – viver mais levemente mais despojadamente, mais aerodinamicamente. E quando não encontram essa simplicidade algumas pessoas buscam-na mudando-se para cidades pequenas ou comunidades rurais (NAISBITT, 1999). E é sobre essas pessoas e seus fluxos que essa pesquisa se dedica, analisando porque algumas cidades têm sido escolhidas para essas pessoas fixarem residência.

O município de Maria da Fé/MG tornou-se opção de segunda residência para muitos que ali estiveram a passeio e encontraram nas características da cidade a possibilidade de ter uma vida mais simples e feliz

### **3 – MARIA DA FÉ /MG**

A cidade de Maria da Fé, Minas Gerais, segundo dados da Secretaria de Turismo de Minas Gerais, atualmente integra o circuito Caminhos do Sul de Minas, região buscada por muitos, que ali estiveram a passeio, como opção de segunda residência. Esse circuito reúne nove municípios do sul do estado: Conceição das Pedras, Cristina, Delfim Moreira, Marmelópolis, Pedralva, Piranguçu, Piranguinho, Santa Rita do Sapucaí e Wenceslau Braz, que tem como atrativos o clima de montanha, o ecoturismo e o turismo rural.

As motivações para as pessoas buscarem a cidade de Maria da Fé são várias, dentre elas, uma em especial desperta atenção: pessoas que se mudaram para essa localidade porque se sentiam tristes ao perceberem que sua cultura estava sendo afetada pela *fast life* e pelo uso desmedido da tecnologia. A cidade foi apontada em pesquisa de Emmendoerfer (2014), como destino indutor de turismo e sua população deseja o desenvolvimento da atividade turística.

Anualmente muitos turistas procuram a cidade em razão do seu clima de montanha, suas baixas temperaturas ou por curiosidade sobre a cultura da oliva (novidade no Brasil). Muitos vêm buscar no modo de vida simples dessa cidade, onde o consumo e a velocidade ainda não são palavras de ordem, um refúgio de paz e descanso. Ocorre que muitos desses turistas acabam voltando para fixar residência. A cidade que tem pouco mais de 11 mil habitantes começa a viver uma nova realidade com a chegada dos forasteiros, cujo interesse começa a crescer nos anos 1990.

Chama atenção o fato de esse crescimento ter acontecido justamente num momento de crise, pois nessa época, a cidade sofreu um forte golpe em sua economia que era sustentada pelo cultivo da batata. A monocultura teve seu declínio em função de sementes importadas contaminadas com fungos que fizeram cair, a qualidade da produção e, por conseguinte, o preço. A crise econômica no município fez com que o governo do estado de Minas Gerais com o suporte do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), intervissem rapidamente implementando projetos que viabilizassem o turismo na cidade (Minas Recebe) como fonte alternativa de recuperação da economia. A cidade já recebia turistas curiosos pela cultura da oliva e pelos invernos rigorosos. Temperaturas negativas são comuns no inverno, chegando a menos oito graus. Em anos de temperaturas muito baixas são comuns, as geadas que deixam branca a paisagem.

O Projeto Mãos de Minas, idealizado por Tânia Machado, mobilizou artesãos, empresas e governos para tentar mudar a realidade do setor artesanal. A iniciativa gerou os primeiros frutos quando, em 1983, vinculado ao Conselho Estadual da Mulher lançado por Tancredo Neves, houve a implementação do projeto. Logo se percebeu a importância do projeto e, o Mãos de Minas tornou-se uma Associação sem Fins Lucrativos, disponibilizando, entre outros serviços, a emissão de notas fiscais aos produtores que, antes, tinham que buscar a Secretaria da Fazenda, enfrentando um longo processo burocrático, para garantir melhores condições de venda. Os trabalhos desenvolvidos pela Associação assumiram tamanha proporção que em pouco tempo a associação se tornou autossuficiente (<http://www.maosdeminas.org.br/institucional/historia>).

A parceria entre a cidade de Maria da Fé e Mãos de Minas foi a alternativa encontrada pela Secretaria de Turismo de Minas Gerais, SEBRAE e prefeitura local para movimentar a economia enfraquecida pela crise econômica. Assim a cidade passa a

receber cada vez mais pessoas interessadas também, nas galerias dos artistas locais e artesãos.

Como o setor hoteleiro ainda era insipiente o SEBRAE passou a incentivar as famílias que sofreram com a queda da monocultura da batata a hospedarem os turistas em suas casas, oferecendo-lhes acomodação e café da manhã (*bed and breakfast*), algo inovador num estado cheio de tradições como Minas Gerais.

O município passa então a receber pessoas de diversas cidades do Brasil e principalmente dos grandes centros, uma vez que, levantamento preliminar, para a fase de entrevistas desse estudo, revela que a maior parte das pessoas que estão se instalando ali, vêm de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Observa-se que a chegada dos forasteiros, buscando um estilo de vida *slow*, trouxe uma nova perspectiva para agricultura local, dominada até então pela cultura da batata. A queda da monocultura fez com que alguns agricultores refletissem sobre a destruição ocasionada por anos de abuso de adubos e defensivos químicos. O desgaste do solo, a diminuição das chuvas, o desaparecimento de rios e nascentes, a contaminação por agentes químicos do lençol freático, processos erosivos incontroláveis e a quase extinção do pequeno produtor e das técnicas tradicionais de agricultura e tradições gastronômicas, são apenas parte do passivo deixado.

O movimento de resgate da agricultura tradicional, orgânica e biodinâmica, que busca defender o prazer da alimentação “boa, limpa e justa” (PETRINI, 2009), faz renascer o pequeno produtor que retorna com o desejo de saber como o alimento saudável, produzido por ele tem alterado as relações de comensalidade. O consumo de alimentos produzidos pelo produtor local (locavorismo) vem alterando o cenário econômico e cultural em Maria da Fé.

A pesquisa de Emmendoerfer (2014) revelou que a população de Maria da Fé/MG, deseja o desenvolvimento da atividade turística. Esse interesse, no entanto, não implica que a comunidade receptora queira que parte desse contingente de visitantes, ali se instale e fixe residência. A cena urbana local está sofrendo mudanças em razão dos fluxos contemporâneos e, em alguns de seus aspectos pontuais. As iniciativas de fomento da atividade turística que ajudaram a cidade a diminuir o desemprego e injetar nova vida à economia enfraquecida, trouxeram também os turistas.

## 4 – MOVIMENTO, ACOLHIMENTO E HOSPITALIDADE

### 4.1 – MOVIMENTO

Vivemos um tempo de mudanças. Em muitos casos, a sucessão alucinante de eventos não deixa falar de mudanças apenas, mas de vertigem. Hoje a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como migrantes / imigrantes (SANTOS, 2002, p.327- 329).

A esse fenômeno Milton Santos (2002) chama de desterritorialização. As pessoas vão para outra cidade deixando para trás a cultura vivenciada para encontrar outra. “Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha esse espaço é a sede de impactos de toda ordem” (SANTOS, 2002, p. 328).

O que chamamos de êxodo invertido, pode se manifestar em duas dimensões: a primeira justificada por pessoas que vivem em metrópoles e se deslocam para cidades menores, vilas e mesmo para o campo. A segunda dimensão desse movimento justifica-se pelo fato de que tradicionalmente, os deslocamentos de pessoas que deixam o campo em direção às cidades, no entanto, na Itália como em outros países, há muito tempo, os jovens que vinham deixando as regiões rurais e as pequenas cidades, atraídos pelo brilho dos grandes centros estão voltando para casa em busca de um ritmo de vida mais tranquilo, agora que o encanto do estilo de vida urbano, da alta velocidade e sua alta tensão começam a se desfazer (HONORÉ, 2004). Em Maria da Fé, observações revelam que ocorre o mesmo, muitos jovens que partiram para as grandes cidades para estudar começam a retornar e a ali investir no turismo, abrem consultórios e clínicas, escritórios, estabelecimentos comerciais ou até mesmo dedicam-se ao *dolce far niente*, como é o caso dos cidadãos locais que viveram longos anos nas cidades maiores e depois retornaram à cidade para aproveitar os anos da aposentadoria.

O senso comum compreende que migração corresponde a certo tipo de movimento de população sobre o espaço. E que este deslocamento ocorreria por alterações que seriam o motor que impulsionaria a população ao movimento (MENEZES, 2000, p.2). Nem sempre a ideia de migração esteve ligada à dinâmica articulada da sociedade, isto é, inicialmente a ideia de migração recaía sobre o local de origem ou

residência da população, suas causas e conseqüentes alterações. A interpretação desse processo se constrói baseada no que atualmente a literatura designa como teoria clássica da migração – na identificação e na caracterização dos efeitos de repulsão e atração de cada área, responsáveis pelo deslocamento da população. O que justifica a análise, visto que nesse contexto atração (chegada) e repulsão (saída) são duas faces do mesmo fenômeno, uma vez que uma das possíveis hipóteses a justificar os fluxos em Maria da Fé, ou seja, o motor que impulsiona esses movimentos é a *fast-life* da cidade grande que expulsa, e a cultura da simplicidade e outros fatores que atraem as pessoas a essa localidade.

#### 4.2 – ACOLHIMENTO E HOSPITALIDADE

Como esse estudo (em andamento) trata da chegada dos forasteiros à comunidade de Maria da Fé/MG é oportuno fazer uma análise dos impactos desses fluxos na comunidade receptora, uma vez que esse fenômeno afeta frontalmente as relações de hospitalidade e, por conseguinte, o acolhimento. Não há que se falar em encontro sem transformações de toda ordem. O estranho, aquele que chega, traz consigo além de sua bagagem cultural, o desejo latente de ser assimilado, aceito. O acolhimento devolve ao forasteiro o sentimento de pertencimento. Nesse primeiro momento far-se-á uma análise conceitual (linhas gerais) do acolhimento e da hospitalidade, uma vez que, para esse ponto específico, a pesquisa aponta como resultado parcial, apenas a existência de impactos, mas ainda não revela quais são.

Transformações políticas, sociais, humanas e econômicas contribuem para o crescimento e a diversificação dos deslocamentos (migrações e êxodos). Esse fenômeno cria constantes tensões no que diz respeito ao acesso às cidades. A hospitalidade, como dispositivo que permite as trocas entre as cidades, de homens, de conhecimentos e mercadorias e as políticas públicas se organizam de forma mais ou menos eficaz, tendo-se em vista os deslocamentos, circulações e migrações.

A hospitalidade evoca uma lei universal. Trata-se de um dever sagrado para com o estranho, aquele que chega. No entanto a violação a esse preceito universal é latente tendo-se em vista o fechamento das fronteiras nacionais e sociais ou a alternativa da integração- exclusão. As comunidades internacionais por exemplo, reagem a cada dia, com mais violência aos fluxos migratórios relacionados ao colapso da ordem mundial (SCHIFFAUER, 1992).

A lei da hospitalidade fora formulada primeiramente, como uma lei religiosa, visto que ligada ao êxodo no Antigo testamento e depois ratificada pela obrigação das peregrinações e por motivo de estudos (*grand tour*). No novo testamento essa lei é de observância obrigatória aos cristãos. Tanto na Bíblia cheia de exemplos de piedosa hospitalidade como na Odisséia onde a hospitalidade é essencialmente ligada à viagem. Ambas são regidas por leis de inspiração divina e de tradição humana. As regras concretamente descritas se contradizem pelos dissabores causados pela inospitalidade, por vezes, pela hostilidade. Dessa lei de caráter religioso, subsiste atualmente, uma tradição relativa ao acolhimento, principalmente de populações migrantes (GOTMAN, p.4).

A expressão ato humanitário extraída da *Enciclopédie de Diderot* trás para os dias atuais um eco caridoso e ainda humanitário. A *Enciclopédie* quando define hospitalidade como “virtude de uma grande alma, conectada ao universo pelos laços da humanidade (GOTMAN, p.4). Revela uma visão humanista que divide opiniões: para KANT, hospitalidade se reduz ao direito de visita; para Hans Magnus Enzensberger, a hospitalidade fora inventada pelas sociedades arcaicas, como forma de resolver conflitos migratórios, porém não elimina o *status* de estrangeiro (GOTMAN, p.4). O hóspede continua sendo sagrado, mas não tem o direito de permanecer. Já René Schérer (1995), define hospitalidade como processo de hominização (atributo distintivo da espécie humana em relação às espécies ancestrais), reconciliando-se com a concepção antropológica de fato social total. Para Julian Pitt Rivers (1957), a lei da hospitalidade não resulta da revelação divina, mas da necessidade sociológica.

A hospitalidade é um encadeamento de obrigações para aquele que chega, normalmente em posição de desvantagem, pois chega à condição de suplicante (hospitalidade, acolhimento, assimilação e pertencimento). No entanto, nos dias atuais são raras as situações em que o estrangeiro (na qualidade de estranho, forasteiro) chega sem nada a oferecer, como os antigos viajantes. O que distingue a migração contemporânea das migrações em tempos anteriores são as barreiras jurídicas e administrativas da vida quotidiana. A chegada é na verdade um momento de confrontação com as autoridades (para o estrangeiro) que aferirão os rigorosos critérios de admissão, mormente dificultados pelos bloqueios de linguagem e os mal-entendidos são comuns. Quanto aos nacionais é o momento da admissão, da transposição da soleira

(MONTANDON, 2011). Os ritos de passagem ou admissão apresentam fases de separação, transição e agregação.

Inicialmente as normas de acolhida aos estrangeiros e o acolhimento aos pobres eram feitas cumprir pelas instituições religiosas, depois, no entanto, foram paulatinamente sendo substituídas por instituições filantrópicas e por setores associativos e humanitários. Como relação social a hospitalidade pode reascender o debate sobre a solidariedade que implica em um relacionamento anônimo com o semelhante e que exclui o diferente. (GOTMAN, p.5).

Hospitalidade e acolhida não se equivalem, posto que a primeira se reduz nos dias atuais, ao suplemento de civilidade necessário entre os povos e a segunda permanece dividida entre a caridade e o repúdio ou recepção àqueles que chegam. (GOTMAN, p.6).

## **5 – CIRCULARIDADE CULTURAL**

Como resultado parcial dessa pesquisa se observa que há uma circularidade cultural latente entre a comunidade receptora e o forasteiro. Percebe-se transformações nos dois universos e não há que se falar em imunidades quando o encontro acontece. As trocas podem acontecer de forma espontânea, ou seja, quando o sentimento de pertencimento faz com que a aceitação da cultura do outro seja naturalmente absorvida. E pode ser forçada, quando aquele que chega se obriga a absorver a cultura local para se sentir aceito.

Para Santos (2002) a chegada, mais que um momento de ruptura, é um momento de abertura para a integração ou corre-se o risco de não assimilação da nova realidade que o cerca:

Suas experiências vividas ficaram para trás e a nova residência o obriga a novas experiências e para isso precisa-se criar uma nova via de entendimento da cidade. Ultrapassado o primeiro momento de espanto e atordoamento, o espírito alerta se refaz, reformulando a ideia de futuro a partir do entendimento novo da nova realidade que o cerca. O entorno vivido é um lugar de troca, matriz de um processo intelectual. A relação da cidade com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova que interferem reciprocamente mudando o homem (SANTOS, 2002, p.328).Ginzburg, (1991 *apud* MELLO JUNIOR, 2006, p. 24) defende a ideia de circularidade cultural atrelada á ideia de introjeção: que pode ser parcial, total, lenta,



imediate, violenta ou aparentemente espontânea, pode ocorrer a perda da própria identidade cultural em função de influências recíprocas que se movimentam de cima para baixo e de baixo para cima (GINZBURG, 1987 *apud* MELLO JUNIOR, 2006, p. 13).

Defende Ginzburg (1987 *apud* MELLO JUNIOR, 2006) a ideia de que a circularidade cultural acontece quando é introjetada, assimilada pelo outro, desde que haja um intercâmbio de influências, no entanto esse autor aponta uma relação de classes, pois trata da circularidade no âmbito das diferenças sociais. Ginzburg inspirado pelos exemplos contidos na obra do crítico literário russo Mikail Bakhtin, menciona o termo "circularidade", para falar da comunicabilidade entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas ocorrido na Europa pré-industrial. Essa comunicação se dava de forma dialógica, com "influência recíproca" (GINZBURG, 1987 *apud* MELLO JUNIOR, 2006, p.13).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como resultados parciais, uma vez que essa pesquisa encontra-se em desenvolvimento e diante das reflexões sobre hospitalidade e cultura da simplicidade voluntária em Maria da Fé/MG, tem-se que essa cidade, embora deseje o desenvolvimento da atividade turística (EMMENDOERFER, 2014), não demonstra ainda se deseja que esse contingente de turistas ali se instale fixando residência. Revelam as observações iniciais, que com ou sem o consentimento da população, os fluxos estão acontecendo por motivações várias, destacando-se como a mais comum, a busca da simplicidade voluntária. Conclui-se preliminarmente que a comunidade embora tenha características de uma cidade propícia ao bem-viver e à desaceleração, passa ao largo de qualquer classificação nesse sentido. Note-se que os impactos do encontro entre a comunidade receptora e os forasteiros podem ser percebidos no que tange à hospitalidade (acolhimento) e à circularidade cultural, uma vez que defende-se a ideia de que encontro não nos faz imunes à comunicabilidade de culturas.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ELGIN, Duane. *Simplicidade Voluntária: em busca de um estilo de vida exteriormente simples, mas interiormente rico*. São Paulo, Editora Cultrix, 1999.

EMMENDOERFER, Magnus L. Análise do desenvolvimento turístico e da denominação designada pelo governo para qualificar as cidades como destinos indutores de turismo em Minas Gerais, Brasil. RT&D (Revista Turismo e Desenvolvimento), nº 21 e 22, p. 139-151, 2014.

GOTMAN, A. A hospitalidade nos dias atuais. *Communications*, p. 5-19, 1997.

HEAL, Felicity . *Hospitality in early modern England*, Oxford, Claredon Press, 1990.

HONORÉ, Carl. *Devagar*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2007.

GODBOUT, Jaques T. *Receber é dar*. *Communications*, 1997.

GODBOUT, Jaques T. *O Espírito da dádiva*. Rio de Janeiro, FGV, 1995

GOTMAN, A. (1997). Paris, A hospitalidade nos dias atuais. *Communications* .

ENZENBERGUER, Hanz Magnus, *La Grand Migration*, seguido de *Veus sur la guerre civile*, Paris, Callimard, 1995.

MELLO JUNIOR, Janus, Uma leitura da "circularidade" entre culturas em Carlo Ginzburg, Lorena, ano 3, nº 4, segundo semestre de 2006.

SANTOS, M. *A Natureza do espaço*. São Paulo, editora Edusp, 2002.

Diponível em <<http://www.turismo.mg.gov.br/component/content/article/41/468-maria-da-fe>>

Diponível em <http://sersustentavel.pt/pt/simplicidade-voluntaria/>>



**História Cultural**